

# Minorclass

Rui Pina Coelho<sup>1</sup>

Ao telefone.

GONÇALO

Estou, Rui?

RUI

Sim? Viva, Gonçalo. Tudo bem?

GONÇALO

Sim. E tu?

RUI

Tudo bom.

GONÇALO

Olha, vamos fazer um texto para os Cadernos do GIPE CIT, da Universidade da Bahia, no Brasil. Uma coisa sobre como fazemos os espectáculos no TEP: “Como é o processo de montagem de um espectáculo no TEP”. Qualquer coisa deste género.

---

<sup>1</sup> Uma versão inicial deste “texto” foi lida pelo colectivo de criação do TEP – Teatro Experimental do Porto (Portugal), no âmbito da homenagem ao TEP, coordenada por José Luís Ferreira, no Dia Mundial do Teatro, a 27 de Março de 2015, no Rivoli – Teatro Municipal do Porto. Os intervenientes são: Rui Pina Coelho (escritor e dramaturgista); Gonçalo Amorim (encenador), Catarina Barros (cenografia e figurinos); Francisco Tavares Telles (Luz); João Rosário ( direcção de cena); Teresa Leal (produção).

RUI

Hum. E para quando é que é?

GONÇALO

Para agora. Já vamos enviar com atraso.

RUI

É pá, mas estamos a meio dos ensaios do *Grande Tratado de Encenação do António Pedro*. Ainda não escrevi quase nada. É um bocado apertado, não achas?

GONÇALO

Pois.

RUI

E é para fazermos exactamente o quê?

GONÇALO

Não sei bem. A ideia era fazermos um artigo. Com a equipa toda: tu, a Catarina, o Francisco, a Teresa, o João Rosário.

RUI

Isso é óptimo. Pode ser muito giro. Pegar em exemplos a partir dos espectáculos. Ou pegar mesmo no texto do próximo espectáculo. Podíamos pegar na *Tecedeira que lia Zola* – que vamos estrear em Outubro – e começamos já a partir pedra. Começávamos a discutir ideias.

GONÇALO

Podíamos explicar quais são as fases do trabalho. Levantamento dramaturgico, um corrido no final da primeira semana de trabalho; levantamento das temáticas; recolha de uma imagética própria; trazer materiais, livros, vídeos, fotografias; visitas de estudo; improvisação por temas; construção da personagem, e por aí fora...

E cada um pode explicar o que costuma fazer. Era muito engraçado ouvir a Catarina explicar como trabalha. As coisas em que ela pensa e lê – a pesquisa que faz até chegar às primeiras propostas. E ver como cada área – a encenação, a dramaturgia, a cenografia, a luz, o som – mantendo uma identidade, uma assinatura própria, ajuda a criar o espectáculo.

RUI

Mesmo os cartazes do João César.<sup>2</sup> Lembras-te como o cartaz do João para o *Já passaram...* ajudou o Francisco a definir o desenho de luz do espectáculo?

E não era mau explicar que trabalhamos cada vez menos com reportório e cada vez mais com textos originais, criados em processo, com longos períodos de investigação – como os que preparamos agora para a “Trilogia sobre a Juventude”.

GONÇALO

Também era bom explicar o tipo de reportório... Explicar como temos escolhido os textos – como os textos que temos trabalhado são textos que têm servido para discutir a crise do capitalismo –

RUI

– e a violência sistémica exercida pelas instituições do poder sobre os indivíduos. Podíamos falar da formulação do Terry Eagleton sobre a dimensão do sujeito trágico na contemporaneidade – olha, meu amor, ninguém sabe como aqui chegou. Trocámos a satisfação do Eros por conforto e segurança.

GONÇALO

É um impasse irresolúvel.

---

<sup>2</sup> João César Nunes, Designer gráfico.

RUI  
Trágico.

GONÇALO  
É. Mas olha, tem de ser assim uma coisa mais lúdica. Mais leve.

RUI  
Pois.

GONÇALO  
Podíamos fazer um jogo – um jogo de tabuleiro. Tipo monopólio. Com perguntas sobre o TEP.

RUI  
Do tipo: Carta da sorte: avança até ao Rivoli.<sup>3</sup> Ou: Carta do tempo: recua até ao Teatro de Algibeira.<sup>4</sup>

GONÇALO  
Ou um *quiz*. Com perguntas sobre o TEP. Tipo: quem é o actor com mais minutos de palco nas encenações de Gonçalo Amorim para o TEP – como se faz com os guarda-redes: João Miguel Mota, Daniel Pinto ou Paulo Moura Lopes?

RUI  
Vamos parecer uns palermas, Gonçalo. É uma revista prestigiada. Devia ser uma coisa mais séria. Moderna.

GONÇALO  
É. E se escrevêssemos um texto? Uma peçazita?

---

<sup>3</sup> O Rivoli é um teatro municipal do Porto, no centro da cidade.

<sup>4</sup> Primeiro espaço de teatro do TEP, actualmente um banco.

RUI

Não temos tempo. Ia ficar fraquito.

GONÇALO

Olha, já te ligo. Vou mandar uma mensagem à Catarina.

GONÇALO (*vai lendo a mensagem à medida que escreve*)

Olá, Catarina. Vamos fazer um texto para uma revista no Brasil – sobre como montamos um espectáculo no TEP. Estávamos a pensar que podíamos escrever um texto...

CATARINA

Nem penses. Não me apanham a escrever. Mas podíamos juntar-nos e discutir. Depois gravamos. Vemos. E depois o Rui escreve a partir daí. Como fizemos nos espectáculos *Não dá trabalho nenhum ou no Casa Vaga*.

GONÇALO

E depois até podemos projectar esse texto em cena. Como nos *Negócios do Senhor Júlio César*. Cenicamente até pode ter piada para qualquer coisa. E sempre é uma maneira de apresentar uma ideia que tem sido recorrente nos nossos trabalhos: a ideia de dar espaço ao espectador, para “entrar” e “sair” do espectáculo, para pensar, para estar consigo próprio enquanto está conosco – e ler em cena ajuda a isso mesmo. Nos *Negócios* havia muito texto projectado. Cenicamente não é eficaz – é poroso, anti-teatral – mas acho que serve o “nosso” teatro.

CATARINA

Bom. Se eu não tiver de falar em público, por mim está tudo bem.

Tenho que vos vestir?

GONÇALO

Não, não. Nós vestimo-nos sozinhos. É só um artigo – sem fotografias. Vai ser assim uma coisa meio informal.

CATARINA

Está bem. Vá, beijinhos.

GONÇALO *liga a TERESA.*

GONÇALO

Estou, Teresa?

TERESA

Olá, Gonçalo.

GONÇALO

Olha, para aquele artigo da revista brasileira, precisamos de nos reunir para gravar uma conversa.

TERESA

Sobra sempre para mim. A vida de produtora não é nenhuma brincadeira...

GONÇALO

Teresa – parece que estás a ler...

TERESA

Eu? Tou nada! Vou já tratar disso. Vou sair agora aqui de Gaia, mas ainda tenho de telefonar ao Júlio, ainda tenho de ir ao Olival, ainda tenho de ir buscar o Rui à estação... ai.

GONÇALO *liga a FRANCISCO*

Estou, Francisco?

FRANCISCO

Já sei, é sobre aquilo da revista. A Teresa já me ligou. Achas que precisas mesmo de mim lá?...

GONÇALO

Acho que não é preciso haver assim grande luz... é um artigo. Mas gostava que estivesses.

FRANCISCO

Ok. Combinado. Beijinhos aí para casa.

GONÇALO *liga a JOÃO ROSÁRIO*

GONÇALO

Tou, João Rosário.

*JR não atende o telemóvel. E começa a tocar guitarra com o Ricardo.*

GONÇALO

Agora é isto. Nunca me atende. Deve estar a tocar guitarra. Mas a verdade é que está a fazer paisagens sonoras cada vez mais complexas e ambiciosas, com o Ricardo. E o som, a musicalização a ganhar cada vez mais importância nos nossos espectáculos –

Por falar nisso, tenho de ligar também ao Aly, ao Carlos Reis, ao Paulo Furtado<sup>5</sup>...

... ao Nuno Meira, também por causa da luz...

à Rita Abreu... na cenografia

... à Vera Santos, no movimento

---

<sup>5</sup> Músico que fez a banda sonora do espectáculo.

GONÇALO *liga a JÚLIO GAGO*<sup>6</sup>

“Tou, Júlio.

JÚLIO

Gonçalo.

GONÇALO

Ok... Olha, ... vamos escrever um texto... bom, abreviando: vamos reunir e eu ligo-te a meio – e depois falamos um bocado sobre o TEP. Que achas?

JÚLIO

Tem piada. Isso faz-me lembrar aquele espectáculo dos “Nature Theatre of Oklahoma” – em que eles telefonavam aos amigos e à família a perguntar: “na vossa opinião, o que é que vocês acham que nós fazemos mesmo?”

GONÇALO

É. Já nos tínhamos lembrado disso.

JÚLIO

Saudações teatrais, Gonçalo!

GONÇALO

Boa. Beijinhos.

*GONÇALO liga a um actor que conheça e que esteja na plateia. Se não conhecer ninguém, não liga.*

GONÇALO

Olá, xxxxxx. Já sabes?

---

<sup>6</sup> Membro histórico do Circulo de Cultura Teatral – TEP.



XXXXXX

Sim, aquilo do Rivoli?

GONÇALO

Sim.

XXXXXX

Acho que devíamos sublinhar o facto de os espectáculos irem sempre ruminando as temáticas, haver sempre rimas internas entre cada espectáculo. Sejam com textos do Miller, do Whiting, do Brecht, do Pau Miró ou do Rui, o discurso é recorrente. E isso é uma marca dos vossos espectáculos, parece-me.

GONÇALO

Boa. Isso é verdade.

XXXXXX

Cada vez que faço/vejo um espectáculo do TEP alguém diz: “vai correr tudo bem”. Bom, mas agora tenho que me ir embora que temos espectáculo daqui a bocado. Beijinhos.

GONÇALO *liga a RUI*

GONÇALO

Estou, Rui. Acho que ainda falta falar de montes de coisas.

RUI

Pois, eu sei, mas já viste a data. Temos de enviar o texto.

GONÇALO

Entusiasmámo-nos com a conversa e perdemos a noção do tempo... Mas ainda gostava de falar sobre aqueles espectáculos criados em processos colaborativos. *Os maias, o não dá trabalho nenhum, o Casa Vaga* – acho que vamos cada vez mais trabalhar assim.

RUI

É. É deixar o real irromper: relatos de professores desempregados sobre a sua própria vida, um actor a falar sobre fazer teatro em Portugal, e nós a brincar com as nossas próprias leituras e utopias...

GONÇALO

Ainda falta falar sobre montes de coisas.

RUI

Pois, eu sei, mas já viste as horas. Olha, vamos jantar e continuamos a conversa.

Não te preocupes, vai correr tudo bem.

JOÃO ROSÁRIO

Na minha opinião, os espectáculos do TEP precisam sempre da mesma coisa:

Política, animais e comida.